



A BUSCA POR DEUS: POEMAS RELIGIOSOS DE MANUEL BANDEIRA

Danielle Moura Ramos SANTOS (FMU)¹

Resumo: Manuel Bandeira, autor e crítico literário, fez parte do movimento modernista no Brasil, lançado na Semana de Arte Moderna de 1922, quando neste evento, seu poema *Os Sapos* foi declamado. É possível pensar em Bandeira pelos traços religiosos que ele coloca em suas poesias. O objetivo principal desta pesquisa é analisar alguns poemas mais relevantes em que aparecem os traços da religiosidade. As características principais de suas obras são a melancolia, a busca por Deus e a libertinagem. Bandeira, ao escrever seus textos, remete a fatos presentes em sua própria vida, tais como a relação com a morte, uma vez que contraiu a tuberculose. Desde então começou a pensar em como seria “seu momento de partida”, muitas vezes com uma visão triste e melancólica.

Palavras-chave: Poesias do século XX. Religiosidade. Melancolia. Manuel Bandeira. Modernismo.

Abstract: Manuel Bandeira, author and literary critic, was part of the modernist movement in Brazil, launched at the 1922 Modern Art Week, when his poem *Os Sapos* was recited at this event. It is possible to think of Bandeira by the religious traits he puts in his poetry. The main objective of this research is to analyze some of the most relevant poems in which the traces of religiosity appear. The main characteristics of his works are melancholy, the search for God and debauchery. Bandeira, when writing his texts, refers to facts present in his own life, such as his relationship with death, once he contracted tuberculosis. He has since started to think about what “his moment of departure” would be like, often with a sad and melancholy view.

Keywords: 20th century poetry. Religiosity. Melancholy. Manuel Bandeira. Modernism.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as obras do poeta e a intenção que o autor coloca em seus textos, com foco principal na religião. Há ainda a intenção de analisar as duas faces do autor: o religioso e o libertino.

Para melhor estudar e elaborar a pesquisa, a professora orientadora desta iniciação científica sugeriu a leitura das antologias *Poemas de Manuel Bandeira com motivos religiosos e Poemas religiosos e alguns libertinos*, de Edson Nery da Fonseca, que nos apresenta a luta constante, nos poemas, por algum sinal ou manifestação divina. Trata-se de uma pesquisa com caráter bibliográfico que tem a religião como ponto crucial.

¹ Graduada em Letras Português nas Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU. São Paulo/SP. danimoura46@hotmail.com



2. Quem foi Manuel Bandeira: biografia e movimento literário

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho nasceu em 19 de abril de 1886 em Recife, mas durante a maior parte de sua vida, residiu no Rio de Janeiro. Em sua formação acadêmica, foi bacharel em Letras. Posteriormente, foi consagrado como crítico literário, cronista, poeta, escritor e professor, tradutor e crítico de artes plásticas. Em 1940 foi eleito à cadeira 24 da ABL (Academia Brasileira de Letras). Faleceu em 13 de outubro de 1968, no Rio de Janeiro.

Aos 18 anos, em 1903 matriculou-se na Escola Politécnica de São Paulo, no curso de Engenharia, mas logo descobriu que tinha uma doença grave, tuberculose, e por esse motivo, não concluiu o curso.

No ano de 1917 deu início a sua carreira de poeta: publicou seu primeiro livro *As cinzas das horas*, obra que reunia várias poesias na época em que descobriu sua doença. Obteve sucesso em várias obras publicadas tais como, *Carnaval*, seu segundo livro de poemas. A obra de maior destaque que marca o início do seu movimento modernista é “*Os sapos*”, proclamada por Ronald de Carvalho, na Semana de Arte Moderna de 22.

Manuel Bandeira foi modernista e uma das características do Modernismo é a linguagem coloquial, uma literatura que não se preocupa com a norma gramatical, mas que busca manter uma relação de proximidade com o leitor. A valorização do cotidiano também está presente. Nas obras de Bandeira é comum encontrar essas características. Além disso, uma curiosidade é que Manuel Bandeira escrevia muito sobre a morte, com palavras melancólicas.

O autor, em 1930, escreveu o livro *Libertinagem* e um dos poemas que compõe a obra é *Pneumotórax*, talvez uma das mais importantes obras escritas por Bandeira. Esse texto relata a vida do eu-lírico que sofre de doenças pulmonares e que durante a vida passou por diversas dificuldades, como consequência da doença. Pode-se dizer que este verso conta a vida do próprio autor, que aproveita da poesia com traços de ironia e humor, através da ficção, para contar a sua própria história. É uma obra considerada triste, pois conta a vida de um ser que está à beira da morte.

3. A religiosidade de Bandeira

Outra característica importante a ressaltar sobre as obras de Manuel Bandeira são os traços da religiosidade em que coloca nos seus escritos. O autor Edson Nery da Fonseca escreveu em *Poemas de Manuel Bandeira com motivos religiosos*, obra que traz à tona a religiosidade presente nos poemas de Bandeira. Algumas outras análises, de outros autores,



confirmam que Manuel Bandeira realmente expressava amor pelo divino: *Humildade, paixão e morte*, de Davi Arriguci.

Apesar de não ser um assunto muito discutido, Edson Nery da Fonseca publicou uma antologia de poemas bandeirianos, que mostra ao leitor que sim, havia traços religiosos nas obras de Manuel Bandeira, sejam eles explícitos ou implícitos, mas presentes. Para tanto, é necessário saber fazer interpretações, tendo em vista que para ler um poema, deve-se analisar cada palavra tomando o devido cuidado de saber compreender a linguagem conotativa, ou seja, elementos simbólicos para expressar uma opinião, ideia ou sentimento.

4. Análise intertextual bíblica

O poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, um dos mais famosos do poeta, pode ser considerado como uma conversa entre o eu-lírico e Deus, como se fosse uma oração, na qual Pasárgada seria o Paraíso, o Reino do Céu, e o eu-lírico ao dizer que lá é amigo do rei, pode-se dizer que lá ele é amigo de Deus.

Em *A morte absoluta*, o eu-lírico expressa o desejo de morrer sem deixar vestígios, seja de corpo ou de alma, mas que, ao comparar com trechos bíblicos, nota-se que o autor talvez deseje a morte do seu ser (do ego, dos seus próprios desejos), para que, ao fim da própria vida, encontre a vida eterna. No Evangelho segundo São Mateus, o versículo explica qual o motivo de perder a própria vida: “*Aquele que tentar salvar a sua vida, perdê-la-á. Aquele que a perder, por minha causa, reencontrá-la-á.*” (Mt 10, 39)

Em *Anunciação*, há uma alusão com o Evangelho segundo São Lucas: “*No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi e o nome da Virgem era Maria. Entrando, o anjo disse-lhe: Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo...*” (Lc 1, 26-38).

Outro poema que se pode afirmar que há traços bíblicos é *Canto de Natal*, associando ao nascimento de Jesus, também presente no Evangelho segundo São Lucas 2, 1-20. É visível que Bandeira expressou muita devoção e amor pela pessoa de Jesus ao escrever esse poema.

5. A escolha dos poemas analisados

Pode-se dizer que uma das virtudes que Manuel Bandeira tinha em si era a humildade, segundo estudos de Davi Arrigucci Jr., que nos remetem à religiosidade do autor. A humildade é uma virtude religiosa e Bandeira certamente soube como transmiti-la em seus poemas. Em sua formação católica, quis dedicar suas obras a Deus, a Jesus Cristo, a Virgem Maria, à morte,



à sensualidade, aos santos e a anjos, tais figuras importantíssimas para o catolicismo. Por isso, a escolha dos poemas dessa iniciação científica pautou-se nessas temáticas.

Em um de seus poemas, podemos observar o cuidado que Bandeira demonstrou em falar sobre a mulher amada, metaforizada pela Estrela da Manhã. Sendo ela pura ou impura (virgem ou não virgem), para o eu-lírico, nada importa se ele a ama. É correto afirmar que a Igreja, segundo o Catecismo da Igreja Católica, reprime o ato sexual antes do casamento, considerado como pecado contra a castidade. No poema *Estrela da Manhã*, podemos observar que o eu-lírico não vê com tamanha importância o fato da mulher amada ser pura ou impura, ele a ama e isso basta.

Já em *A Estrela e o Anjo*, o eu-lírico demonstra interesse, desejo pela amada, mas, ela mantém seu pudor, não demonstrando sensualidade alguma, enquanto ele “*gritava o seu nome três vezes.*” O fato de gritar o nome da mulher amada três vezes pode representar a Trindade Santa – Pai, Filho e Espírito Santo. *A Estrela e o Anjo* possui traços sensuais, à medida em que o eu-lírico deseja sexualmente a amada, contudo, o comportamento da dama, respeitando seus valores – aparentemente cristãos – pode ter relação com o que a Igreja diz sobre a castidade.

Manuel Bandeira mostrava ser devoto de Nossa Senhora – podemos ver claramente nas obras dedicadas à Virgem Maria em alguns de seus poemas, tais como *Anunciação, À Virgem Maria, Oração a Nossa Senhora da Boa Morte, Oração no Saco de Mangaratiba etc.* Na Sagrada Escritura, especificamente no Evangelho segundo São Lucas, encontramos a história do Anjo Gabriel quando visita Maria e anuncia que ela seria a mãe de Jesus Cristo. Bandeira, carinhosamente dedica um poema, *Anunciação*, para enfatizar seu amor por Nossa Senhora e, conseqüentemente, por Jesus.

Assim que recebeu o diagnóstico, aproximadamente com 18 anos, Manuel Bandeira demonstrou interesse pela morte, dando origem a *Pneumotórax*, talvez uma de suas poesias mais conhecidas. É visível que em seus textos a melancolia e a morte estejam presentes. O autor escreveu *Poemas de Finados* em decorrência da morte de seu pai. Nota-se que Bandeira preza nesse momento de luto por valores cristãos.

É costume, no catolicismo, que ofereçam orações e súplicas a Deus pela alma da pessoa que acaba de falecer. Orações, missas de sétimo dia, exéquias no cemitério, são formas carinhosas de prestar uma homenagem a pessoa querida que entregou o seu espírito. Neste poema, o autor demonstra muita tristeza pela morte de seu pai, até mesmo diz que está também morto, por isso clama orações por si próprio, na esperança de ter um consolo diante de tanta dor e sofrimento.



Há obras religiosas dedicadas a santos conhecidos da Igreja Católica. Em *Oração para aviadores*, pode-se afirmar que é praticamente uma oração composta por Manuel Bandeira. A estrutura do texto e a escolha de palavras mostram de fato ser um diálogo de súplica entre o eu-lírico e o santo, neste caso, Santa Clara de Assis. Os verbos no imperativo como alumia, dissipai, dai-nos sol, foram cuidadosamente escolhidos para gerar este efeito de poema-oração. É também notável que neste texto o autor demonstra estar aflito em relação a sua vida, pois, do começo ao fim dos versos, o pedido a santa é de iluminar seus caminhos.

Em *Oração a Santa Teresinha do Menino Jesus*, presente no livro *Libertinagem*, o autor almeja alegria e pede isso a santa, com devoção. Ao mesmo tempo ele pede a santa que ela o ajude a acreditar novamente em Deus, quando nos versos 2 e 3 da segunda estrofe ele clama: “*Me dá a força de acreditar de novo/ No/Pelo Sinal/Da Santa/Cruz!*” Percebe-se que ele se refere a santa de forma carinhosa, ao chamá-la de Teresinha.

Ao pronunciar a palavra crucifixo, geralmente associamos a Cristo, que morreu crucificado para salvar a humanidade, segundo a tradição cristã. Manuel Bandeira escreveu *O Crucifixo*, obra que compõe a terceira edição do livro *Poesia Completa e Prosa*, de 1974. Neste poema, o poeta expressa afeto a Jesus, desejando estar ao lado d’Ele na hora da morte. Existe uma oração da Igreja Católica – Alma de Cristo – que faz alusão ao poema: “*na hora da minha morte, chamai-me.*” Nota-se que mais uma vez o autor escreve sobre a morte.

Em *Contrição*, o eu-lírico expressa arrependimento em relação aos pecados cometidos. Na Igreja Católica, existe o sacramento da Penitência ou Confissão, que é realizado quando o fiel se arrepende de seus atos e procura o sacerdote para receber a absolvição. Como penitência, o padre pede que o fiel faça uma oração, chamada Ato de Contrição, simbolizando o arrependimento dos pecados. No poema de Manuel Bandeira, nota-se que ele possivelmente tinha conhecimento sobre esse sacramento, uma vez que o eu-lírico expressa estar arrependido.

Para finalizar esse tópico, é importante acrescentar o poema *Ubiquidade*. Este foi dedicado a Deus, que é Onipresente, Onisciente e Onipotente. O poeta fala carinhosamente sobre Deus: consegue percebê-lo na grandeza e na pequenez e diz, constantemente, que Ele está em seu pensamento a todo tempo. É como se fosse uma declaração de amor. Não há muito o que dizer, as palavras falam por si só. Deus, segundo Manuel Bandeira, é um ser “mesmo e tão diverso”. Ao dizer isso, podemos interpretar que Deus, embora seja único, torna-se plural, pois está presente na pequenez de seus filhos, que são imagem e semelhança d’Ele mesmo. Nos versos 3 e 4 da terceira estrofe, o poeta diz que Deus “*eras no início das cousas*”, e “*serás no fim do universo*”. Na Bíblia, encontramos uma passagem que relaciona ao poema: “*No*



princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós...” (Jo 1, 1-2; 1,14).

Outra passagem ainda diz: “*Eu sou o Alfa e o Ômega; diz o Senhor Deus; aquele que é, que era e que vem, o Deus todo poderoso.*” (Ap 1,8). O poema *Ubiquidade* ilustra, de forma mais simples, essas passagens da Sagrada Escritura.

6. Religioso e libertino

Edson Nery da Fonseca, através da editora Cosac Naify publicou uma antologia de poemas de Manuel Bandeira, denominada *Manuel Bandeira Poemas religiosos e alguns libertinos*. Neste livro, Nery da Fonseca desperta nos leitores uma curiosidade: é possível ser religioso e ao mesmo tempo libertino? Enquanto um homem religioso é aquele que preza por valores morais e cristãos, seguindo uma determinada doutrina, o homem libertino é totalmente o oposto: é aquele que não se preocupa em obedecer às doutrinas, é “livre” de qualquer valor moral e tem um comportamento desregrado, devasso.

No posfácio escrito por Edson Nery da Fonseca, o pesquisador considera Manuel Bandeira não como um poeta católico, mas como um poeta religioso e místico. Dessa forma, entende-se que o poeta conseguia manter uma conexão com o divino sem a influência de terceiros, no caso, a religião propriamente dita. O poeta apresentava traços católicos, mas não seguia literalmente as doutrinas. Talvez essa seja a principal diferença entre católico e religioso: um homem católico é aquele que obedece às leis que a Igreja determina; um homem religioso é aquele que crê em Deus e muitas vezes em santos e anjos, mas que não segue uma doutrina. Esse é Manuel Bandeira, o religioso e libertino.

Aí está, perfeita e magistralmente estabelecida, a distinção essencial entre o que o poeta escreve e o que ele sente. Voltando a Manuel Bandeira: quem diz não poder “*crer que se conceba/ do amor senão o gozo físico*” não é o poeta, e sim uma “*vulgívaga*” ou meretriz por quem ele empaticamente fala, como o Flaubert da frase famosa “*Madame Bovary c'est moi*”; e quem “*saudava a matéria que passava/ Liberta para sempre da alma extinta*” não era o indivíduo Manuel Bandeira, mas alguém que ele, estando num café “*quando o enterro passou*”, viu que tirava o chapéu, não maquinalmente, como os outros “*voltados para a vida/ Confiantes na vida*”, mas descobria-se “*num gesto largo e demorado/ Olhando o esquife longamente*”; pois “*Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade/ Que a vida é traição/ E saudava a matéria que passava/ Liberta para sempre da alma extinta*” (Fonseca, 2007, p. 84).



A antologia feita por Edson Nery da Fonseca reúne alguns poemas com motivos libertinos, dentre eles, *O súcubo*, *Bacanal*, *Vulgívaga*, *A Dama Branca*, *Não Sei Dançar*, *Estrela da Manhã*, *Canção de Duas Índias*, *A Filha do Rei*, *Nietzschiana*, *Rondó do Palace Hotel* e *Cântico dos Cânticos*.

Em muitos títulos libertinos, o desejo sexual é muito exposto. Em *Vulgívaga*, como o próprio nome diz, a voz que fala no poema é uma mulher. E ao contrário da mulher de *A estrela e o anjo*, que mantém seu pudor, a mulher de *Vulgívaga* é totalmente o oposto: é uma mulher vulgar, que não se preocupa em preservar a castidade.

Pela escrita, utilizando palavras mais sensuais, pode parecer que nem é a mesma pessoa que escreveu poemas em forma de oração. Manuel Bandeira consegue mostrar suas duas personalidades: ora religioso, ora libertino, afinal, ele é artista e como poeta pode expor vários eu-líricos.

Portanto, esse mesmo poeta religioso, que carinhosamente dedicou suas obras a Deus, a Jesus Cristo, a Virgem Maria, aos santos e anjos, também mostrou seu lado libertino. Trata-se da mesma pessoa, mas com faces distintas ao seu modo de escrever, afinal, “*quem foi, como Manuel Bandeira, parnasiano, simbolista, modernista e até concretista, pode muito bem ser abrangentemente erótico, satânico e religioso.*” (*Posfácio de Edson Nery da Fonseca – Poemas religiosos e alguns libertinos*).

7. Considerações finais

O tema dessa iniciação científica deu-se ao fato de ser um assunto pouco discutido no viés literário, mas que tem grande importância para quem preza por valores morais e/ou cristãos, até mesmo em uma pesquisa científica. Durante a pesquisa, foi possível reconhecer que a Bíblia, livro mais difundido e possivelmente questionado no mundo inteiro, também pode ser pano de fundo para obras literárias e relações intertextuais, pois os trechos bíblicos foram referências a vários poemas analisados.

Ao estudar a vida e a obra de Manuel Bandeira, foi surpreendente conhecer tantas criações literárias que expressam sentimentos de amor, de desejo e sedução, mas também devoção, fé e carinho pelas figuras religiosas da Igreja. O poeta mostrou que seu reconhecimento com o passar das décadas não foi em vão: ele soube escolher cuidadosamente os vocábulos para formar versos delicados, muitas vezes religiosos, outras vezes nada sacros, mas nem por isso menos belos. A pesquisa sobre a obra é vasta e não se encerra nesse breve trabalho.



A descoberta das faces distintas de Bandeira – religioso e libertino – mostra-nos que é possível demonstrar afeto pelo divino e suas obras, mas que não necessariamente é preciso seguir doutrinas. Manuel Bandeira conseguia se conectar com Deus sem ter uma religião propriamente dita e é isso que o torna um homem livre, pois, se seguisse literalmente uma religião, certamente não teria feito sucesso com obras sensuais, como *Vulgívaga* e *Estrela da manhã*, por exemplo.

Normalmente, o ser humano questiona o motivo pelo qual veio a esse mundo, para onde ir após a morte, quem o criou etc. Não foi diferente com Bandeira, que foi humano na sua humildade perante o desconhecido.

Tendo em vista o que foi relatado, é inegável enxergar a relação de Bandeira e de sua religiosidade. Ao analisar profundamente o que escreveu ao longo da vida, principalmente após receber o diagnóstico da doença, a busca por Deus torna-se mais evidente. Leitores de todos os tipos, religiosos, cristãos ou não, e até mesmo ateus, não podem negar que Bandeira, quando expôs seu lado religioso (e até libertino) buscou inspiração na luz divina de forma sensível e comovente.

8. Referências

ALMEIDA, Maria Aparecida de. **Análise do Poema: Arte de Amar – Manuel Bandeira.** Resumindo a literatura. Disponível em <http://resumindoaliteratura.blogspot.com/2012/09/analise-do-poema-arte-de-amar-manuel.html?m=1>>. Acesso em 20/09/2020.

Bíblia Sagrada. 206 ed. São Paulo: Ave Maria, 2015.

BIOGRAFIA. **Academia Brasileira de Letras,** 2016. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/manuel-bandeira/biografia>>. Acesso em 26/05/2020.

Ciências e Letras – Manuel Bandeira. Canal Saúde Oficial, 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Gg1hFORXjyU>>. Acesso em 26/05/2020.

FONSECA, Edson Nery da. **Poemas de Manuel Bandeira com motivos religiosos.** Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

_____. **Manuel Bandeira Poemas religiosos e alguns libertinos.** 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.



FUCK, Rebeca. **Poema Pneumotórax de Manuel Bandeira**. Cultura Genial. Disponível em <<https://www.culturagenial.com/poema-pneumotorax-manuel-bandeira/>>. Acesso em 26/05/2020.

LACERDA, Paulo Filipe Alves de. **Oração a Teresinha do Menino Jesus**. Portal Educação. Disponível em <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/oracao-a-teresinha-do-menino-jesus/56560>>. Acesso em 20/09/2020.

LUCAS, Élcio. **A busca do inominável em A Morte Absoluta**. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Disponível em <<http://dlcv.fflch.usp.br/busca-do-inominavel-em-morte-absoluta>>. Acesso em 26/05/2020.

SANTOS, Pe. Nelson Ricardo Cândido dos. **Coração em Deus – A Anunciação – Manuel Bandeira**. Poesia e fé. Disponível em <<http://poesiaefe.blogspot.com/2011/02/anunciacao-manuel-bandeira.html?m=1>>. Acesso em 20/09/2020.

SIMPSON, Pablo. **Bandeira Religioso (e Libertino)**. Diplomatique. Disponível em <<https://diplomatique.org.br/bandeira-religioso-e-libertino/>>. Acesso em 20/09/2020.

9. Anexos: poemas analisados

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada,
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca da Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive.

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe d'água



Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada.

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar.

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der vontade de me matar
- Lá sou amigo do rei –
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.
(Estrela da vida inteira, cit., p. 127 – 8.).

A Morte Absoluta

Morrer.
Morrer de corpo e de alma.
Completamente.

Morrer sem deixar o triste despojo da
carne,
A exangue máscara de cera,
Cercada de flores,
Que apodrecerão – felizes! – num dia,
Banhada de lágrimas
Nascidas menos da saudade do que do
espanto da morte.

Morrer sem deixar porventura uma
alma errante...
A caminho do céu?
Mais que céu pode satisfazer teu sonho
de céu?

Morrer sem deixar um sulco, um risco,
uma sombra,
A lembrança de uma sombra,
Em nenhum coração, em nenhum
pensamento,
Em nenhuma epiderme.



Morrer tão completamente
Que um dia ao lerm o teu nome num
papel
Perguntem: “Quem foi?...”

Morrer mais completamente ainda,
Sem deixar sequer esse nome.
(Poesia Completa e Prosa; Cia. José Aguillar, 1967).

A Anunciação

Seis meses passados sobre
A angélica anunciação
Do nascimento de João,
Santo filho de Isabel,
Baixou o arcanjo Gabriel
À Galileia e na casa
Do carpinteiro José
Entrou e diante da virgem
Desposada com o varão
- Maria ela se chamava –
Curvou-se em jenuflexão.
Dizendo com voz suave
Mais que a aura da manhã: “Ave,
Maria cheia de graça!
Nosso Senhor é contigo,
Tu bendita entre as mulheres”.
E ela, vendo-o assim, turbou-se
Muito de suas palavras.
Mas o anjo, tranquilizando-a,
Falou: “Maria, não temas:
Deus escolheu-te, a mais pura
Entre todas as mulheres,
Para um filho conceberes
No teu ventre e, dado à luz,
O chamarás de Jesus;
O santo Deus fá-lo-á grande,
Dar-lhe-á o trono de Davi,
Seu reino não terá fim”.
E disse Maria ao anjo:
“Como pode ser assim,
Se não conheço varão?
E respondendo o anjo, disse-lhe:
“Descerá sobre ti o Espírito
Santo e a virtude do Altíssimo
Te cobrirá com sua sombra:
Pelo que também o Santo
Que de ti há de nascer,
Filho de Deus terá nome,



Com ser filho de mulher,
Pois tua prima Isabel
Não concebeu na velhice
Sendo estéril? A Deus nada
É impossível”. O anjo disse
E afastou -se de Maria.
Como no extremo horizonte
A primeira, desmaiada
Celagem da madrugada,
Duas rosas transluziram
Nas faces da Virgem pura:
Já era Jesus no seu sangue,
Antes de, infinito Espírito
Mudado em corpo finito,
Se fixar em forma humana
Na matriz santificada.
(Do livro Estrela da Tarde, 1963).

Canto de Natal

O nosso menino
Nasceu em Belém.
Nasceu tão somente
Para querer bem.

Nasceu sobre as palhas
O nosso menino.
Mas a mãe sabia
Que ele era divino.

Vem para sofrer
A morte na cruz
O nosso menino.
Seu nome é Jesus.

Por nós ele aceita
O humano destino:
Louvemos a glória
De Jesus menino.
(De “Belo Belo”, que faz parte da segunda publicação das Poesias Completas, 1948).

Estrela da Manhã

Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem pela estrela da manhã

Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda parte



Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa?
Eu quero a estrela da manhã

Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário

Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos

Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzilentos navais
Pecai de todas as maneiras

Com os gregos e com os troianos
Com o padre e com o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto.

Depois comigo

Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas comerei terra e
[direi coisas de uma ternura tão simples
Que tu desfalecerás

Procurem por toda parte
Pura ou degradada até a última baixeza
Eu quero a estrela da manhã.
(De Estrela da Manhã, 1936).

A Estrela e o Anjo

Vésper caiu cheia de pudor na minha cama
Vésper em cuja ardência não havia a menor parcela de
[sensualidade
Enquanto eu gritava o seu nome três vezes
Dois grandes botões de rosa murcharam
E o meu anjo da guarda quedou-se de mãos postas no desejo
[insatisfeito de Deus.
(Do livro Estrela da Manhã, 1936).

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispneia e suores
noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não





Foi.

Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não.

A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(Libertinagem, 1930).

Poemas de Finados

Amanhã que é dia dos mortos

Vai ao cemitério. Vai

E procura entre as sepulturas

A sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.

Ajoelha e reza uma oração.

Não pelo pai, mas pelo filho:

O filho tem mais precisão.

O que resta de mim na vida

É a amargura do que sofri.

Pois nada quero, nada espero.

E em verdade estou morto ali.

(Poesia Completa e Prosa. Rio de Janeiro: Cia José Aguillar, 1967, p.265).

Oração para aviadores

Santa Clara, clareai

Estes ares.

Dai-nos ventos regulares,

De feição.

Estes mares, estes ares

Clareai.

Santa Clara, dai-nos sol.

Se baixar a cerração,

Alumiai

Meus olhos na cerração.

Estes montes e horizontes

Clareai.

Santa Clara, no mau tempo

Sustentai

Nossas asas.



A salvo de árvores, casas
E penedos, nossas asas
Governai.

Santa Clara, clareai.
Afastai
Todo risco.
Por amor de São Francisco,
Vosso mestre, todo risco
Dissipai.

Santa Clara, clareai.
(Do livro Opus 10).

Oração a Teresinha do Menino Jesus

Perdi o jeito de sofrer.
Ora essa.
Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza.
Quero alegria! Me dá alegria,
Santa Teresa!
Santa Teresa não, Teresinha...
Teresinha... Teresinha...
Teresinha do Menino Jesus.

Me dá alegria!
Me dá a força de acreditar de novo
No
Pelo Sinal
Da Santa
Cruz!

Me dá alegria! Me dá alegria,
Santa Teresa!...
Santa Teresa não, Teresinha...
Teresinha do Menino Jesus.
(Libertinagem, 1930).

Contrição

Quero banhar-me nas águas límpidas
Quero banhar-me nas águas puras
Sou a mais baixa das criaturas
Me sinto sórdido

Confiei às feras as minhas lágrimas
Rolei de borco pelas calçadas
Cobri meu rosto de bofetadas
Meu Deus valei-me

Vozes da infância contai a história



Da vida boa que nunca veio
E eu caia ouvindo-a no calmo seio
Da eternidade.
(Do livro Estrela da Manhã, 1936).

Ubiquidade

Estás em tudo que penso,
Estás em tudo que imagino;
Estás no horizonte imenso,
Estás no grão pequenino.

Estás na ovelha que pasce,
Estás no rio que corre:
Estás em tudo que nasce,
Estás em tudo que morre.

Em tudo estás, nem repousas,
Ó ser tão mesmo e diverso!
(Eras no início das cousas,
Serás no fim do universo.)

Estás na alma e nos sentidos.
Estás no espírito, estás
Na letra, e, os tempos cumpridos,
No céu, no céu estarás.
(Da “Lira dos Cinquent’anos, que faz parte da publicação das Poesias Completas, 1940).

Vulgívaga

Não posso crer que se conceba
Do amor senão o gozo físico!
O meu amante morreu bêbado,
E meu marido morreu tísico!

Não sei entre que astutos dedos
Deixei a rosa da inocência.
Antes da minha pubescência
Sabia todos os segredos...

Fui de um... Fui de outro... Este era médico...
Um, poeta... Outro, nem sei mais!
Tive em meu leito enciclopédico
Todas as artes liberais.

Aos velhos dou o meu engulho.
Aos fêrvidos, o que os esfrie.
A artistas, a *coquetterie*
Que inspira... E aos tímidos, - o orgulho.

Estes, caçô-os e depeno-os:



A canga fez-se para o boi...
Meu claro ventre nunca foi
De sonhadores e de ingênuos!

E todavia se o primeiro
Que encontro, fere toda a lira,
Amanso. Tudo se me tira.
Dou tudo. E mesmo... dou dinheiro...

Se bate, então como o estremeço!
Oh, a volúpia da pancada!
Dar -me entre lágrimas, quebrada
Do seu colérico arremesso...

E o cio atroz se me não leva
A vacalhotos de canalhas,
É porque temo pela treva
O fio fino das navalhas...

Não posso crer que se conceba
Do amor senão o gozo físico!
O meu amante morreu bêbado
E meu marido morreu tísico!
(Do livro Carnaval, 1919).

